



À guia

À boleia com “gordo”, o professor

“Gordo” não é gordo, mas já foi. Foram-se os quilos a mais, ficou a alcunha. Agora todos o tratam assim e ele não se importa. Ou pelo menos parece.

Mal o barquinho lançou ferros em São José do Norte, vindo de Rio Grande, houve logo quem gritasse em terra firme: “os repórteres vão com o ‘gordo!’”. E assim foi. Luiz Ângelo Chaves, o “gordo” também sabe falar de cavalos e cavalgadas - principal motivo da viagem ao sul do Brasil - não fosse ele um gaúcho rural, mas ao longo da viagem pelo istmo que separa a Lagoa dos Patos do Atlântico, rumo ao Haras de Itapuã Sul, prefere falar de outras coisas. De muitas outras coisas. De arquitectura, de geografia, de história, de música, de tradições e, sobretudo, de raízes. De raízes humanas e de quem as plantou no Brasil.

Antes da estrada federal nº 101 nos mostrar por que é que é adorada pelos amantes de todo-o-terreno, o nosso “guia”, preocupado, tenta apaziguar as inconstâncias dos estômagos mais sensíveis. Dentro de um saco plástico, há duas marmitas pronto-a-levar ainda mornas e litro e meio de guaraná. Diz quem sabe que os bolinhos de peixe e os camarões crocantes ajudam a alijear a dureza do percurso. Por mim, ficou provado.

Luiz Chaves é um homem afável e simples. Era taxista, mas fartou-se de andar às voltas no mesmo sítio. Passou para “camioneiro” e assim conheceu boa parte do seu país. No fim de cada frase há quase sempre um “tché”, às vezes mais discreto, quase imperceptível, às vezes mais arrastado.

Luiz Chaves tem conversa fácil, mas sabe guardar os seus silêncios. E os dos outros, especialmente quando a paisagem não precisa de palavras, nem de sons. Só o do vento a bater no vidro entreaberto. Às primeiras tiradas nota-se que “gordo” não é de verdades adquiridas. Gosta de colocar tudo em questão, ir ao cerne das coisas. Foi essa imensa curiosidade que o trouxe pela primeira vez a Portugal, aos Açores, em busca de mais respostas, mais explicações sobre a epopeia que envolveu os primeiros colonos levados das ilhas portuguesas para o sul do Brasil. Em 2000, participou no “IV Curso Açores: À descoberta das raízes”, organizado desde 1997 pelo Governo

Regional. Fala com emoção dessa viagem. Explica como encontrou aí, nas casas, na cores, nos sotaques, nas palavras, nas flores do alpendre, a gênese dos primeiros tecidos sociais que se criaram na sua terra. Recorda como se sentiu à vontade a falar com um historiador açoriano que percebeu as suas dúvidas, os seus maneirismos de linguagem - “Meu Deus! Como esse cara me compreendeu!”. Antes do regresso, uma breve passagem por Lisboa, onde se deslumbrou com o colina acima/colina abaixo do 28 e com a exuberância tropical do Jardim Botânico da Ajuda.

Mas voltemos à terra batida. No sobe e desce da 101 não há prédios em altura, nem carros a estorvar a passagem do eléctrico. Há, de tempos a tempos na planície verde, uma casa ali, outra acolá, bem longe. Luiz estica amiúde o braço para fora da janela e diz de cor e salteado o nome de família a quem pretence ou a quem pertenceu o casario. As construções mais pobres estão junto da estrada, as mais nobres estão mais afastadas, protegidas do vento por duas linhas de árvores. Estão escondidas, mal se vêem da estrada, mas Luiz não as deixa passar. Fala das buganvílias que as enfeitam. Do tipo de janelas que as protegem. Fala da estrela de David no topo de uma casa simples. Do sítio onde o imperador D. Pedro II dormiu uma noite. Do que vive a sua gente. Do que planta. Do que colhe. Fala dos apelidos de ressonância lusa. Da bravura de quem do quase nada fez alguma coisa. Fala de si e dos outros. Fala e pára quando é preciso: ali à frente há um carro atascado na lama, com casal e “guri” lá dentro. “Se-atolou-se”, como diz a anedota. “Gordo” traz sempre uma corda na carrinha de caixa aberta. Em cinco minutos o velho Volkswagen atolado já anda.

Dá gosto andar com “gordo”. Com ele vamos de boleia até ao fim do mundo.

Programas

Cavalgadas no Brasil. Os programas incluem viagens para o Brasil pela TAP, alojamento, cavalgadas, e seguros. O preço por pessoa varia consoante o programa, mas em média ronda os 200 euros por dia.
- Programa Aparados da Serra/Rio do Rastro (Rio Grande do Sul/Santa Catarina) -

Dias

Roteiro 1: 7 dias (6 noites)

Roteiro 2: 5 dias (4 noites)

Região

Serra Geral, Serra do Rio do Rastro

Raça dos cavalos

Crioulos

Tipo de grupos

Mínimo de 8 e máximo de 12 pessoas

Tipo de clima

Temperado no Verão

e frio no Inverno

Tipo de percurso

Campos em planalto, matas e escarpas

Programa Tradições

Gaúchas/Casa das 7 mulheres (Rio Grande do Sul)

Dias

5 dias (4 noites)

Região

Arambaré, Pelotas

(região da Costa Doce)

Raça dos cavalos

Crioulos

Tipo de grupos

Mínimo de 6 e máximo de 15

Tipo de percurso

Planície, campos de arroz alagados

Programa das Lagoas

(Rio Grande do Sul)

Dias

4 dias (3 noites)

Região

Tavares, Mostardas (Parque Nacional da Lagoa do Peixe)

Raça dos cavalos

Lusitanos

Tipo de grupos

Mínimo de 6 e máximo de 12

Tipo de percurso

Praias de lagoa e de oceano, dunas e matas

